

Da psicologia à neurologia simbólica no estudo da drogadição

Carlos Amadeu Botelho Byington

Este livro, além do mérito de publicar os resultados das pesquisas dos autores e de seus colegas convidados, tem ainda um outro, que é a coragem de confrontar na Neurologia a dissociação mente-corpo, que domina as Ciências Naturais e a Medicina desde o final do século dezoito. Esta dissociação dificulta o estudo conjunto da neurofisiologia e dos fatores ideativos-emocionais, individuais e culturais que compõem o distúrbio da droga-adição.

Quando a Ciência tomou o poder na Universidade e daí expulsou a Inquisição, ela passou a subordinar a verdade exclusivamente à objetividade, e dela excluiu a subjetividade e a totalidade subjetivo-objetivo. Apesar de hoje a filosofia da pesquisa científica buscar resgatar esse subjetivo banido, como por exemplo, na Fenomenologia de Husserl e de Heidegger, e nas Ciências Sociais de um modo geral, falta ainda a formulação da dimensão subjetivo-objetivo para formar a consciência a partir da coisa-em-si, que no caso do sistema nervoso inclui neurônios, neurotransmissores e tudo mais que o compõe, inclusive a dimensão ideativa-emocional, individual e cultural.

Para perceber os achados neurológicos anatômicos e fisiológicos junto com seus componentes ideativos-emocionais, ampliei os conceitos tradicionais de símbolo e de função

psicológica para símbolo e função estruturantes, que incluem a parte concreta junto com os significados de todas as coisas e forças que as operam. Os símbolos estruturantes são elaborados pelas funções estruturantes, coordenadas por arquétipos, e os significados produzidos por sua elaboração formam a identidade do Ego e do Objeto (o Outro) na Consciência. Concebe-se, assim, a Ciência Simbólica, que descreve o Processo de Humanização do Cosmos e que inclui a Medicina Simbólica e, por conseguinte, também a Neurologia simbólica. Este processo, formulado na obra de Teilhard de Chardin, descreve a formação da Consciência a partir da evolução da vida e da complexificação progressiva do Sistema Nervoso das espécies.

A Neurologia simbólica continua a idéia de Freud esboçada no *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1895: “A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural, isto é, que represente os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco”. O conceito de Psicologia proposto pelo Projeto de Freud é a Neurologia simbólica aqui conceituada.

No caso das droga-adições, a Neurologia que se atém à físico-química se limita ao estudo da dependência emocional e orgânica principalmente em função do que ocorre com os neurotransmissores do paciente em virtude do consumo da droga. Já uma Neurologia simbólica necessita incluir na compreensão da droga-adição o significado emocional das vivências individuais, familiares e socioculturais que acompanham o uso da droga e o papel que elas desempenham no desenvolvimento da personalidade e da cultura. Não se trata de dar exclusividade dos significados simbólicos para a Psiquiatria ou para a Psicologia, e sim, ao contrário, de compreendê-los e estudá-los dentro do Sistema Nervoso, junto com o funcionamento dos neurotransmissores.

A Neurologia simbólica propõe a analogia das estruturas do Sistema Nervoso com os *hardwares* dos computadores, e o programa dos *softwares* com as reações cognitivas e emocionais adquiridas. Estabelecemos assim uma inclusão da Cultura na Neurologia, ao percebermos que o Sistema Nervoso incorpora progressivamente, desde o nascimento, o aprendizado realizado nas gerações passadas. Trata-se, portanto, de um Sistema Nervoso intensamente “recheado de significados simbólicos, pois reconhece e assume tudo o que é e tem”.

A divisão entre a Psiquiatria e a Psicologia de um lado, e a Neurologia de outro, preservou nesta, indevidamente, o predomínio da organicidade em detrimento da psicodinâmica. Infelizmente, a Psiquiatria, hoje, ao se reaproximar da Neurologia pelo maior conhecimento dos neurotransmissores, ao invés de trazer consigo o conhecimento psicodinâmico ad-

quirido durante os séculos dezanove e vinte, tem dele se afastado.

Para conceituar a Neurologia simbólica, baseada nos conceitos de símbolo e de função estruturantes, é necessário reconhecer e incluir no conhecimento do Sistema Nervoso todas as descobertas da Psicologia e da Psiquiatria. É preciso romper o paradigma positivista, segundo o qual aquilo que ainda não foi constatado pela neurofisiologia não deve ser incluído na Neurologia.

A Psicologia Simbólica reconhece o Processo de Elaboração Simbólica para formar a Consciência como o centro e a finalidade última de toda a atividade neurológica e biológica. Sua coordenação é feita pelo Quatérnio Arquetípico Regente composto pelos Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade e de Totalidade, que operam através da atividade criativa e centralizadora do Arquétipo Central. O Arquétipo Matriarcal, matriz coordenadora do desejo e da sensualidade, opera principalmente através do sistema neurovegetativo. O Arquétipo Patriarcal, que coordena a organização psíquica e a execução de tarefas, se exerce principalmente através do sistema cérebro-espinhal. O Arquétipo de Alteridade, que coordena a interação das polaridades, inclusive da grande polaridade matriarcal-patriarcal, ou seja, neurovegetativa cérebro-espinhal, funciona através das interações das lateralidades, como por exemplo, da decussação das pirâmides, do Corpo Caloso e dos inúmeros circuitos associativos. Restam o Arquétipo da Totalidade, que rege a Consciência contemplativa do Todo e o Arquétipo Central, que coordena a relação dos eventos existenciais com o desenvolvimento prospectivo da persona-

lidade, como bem descreveu Jung ao enfatizar em toda a sua obra que o principal instinto humano é o Instinto da Individuação.

O desafio médico e humanista da Neurologia simbólica é assumir e pesquisar estas grandes descobertas da Psicologia. No processo de globalização, que favorece a integração planetária do conhecimento, a setorização da Neurologia dentro de uma torre de marfim neurofisiológica é cada vez mais inadmissível. Dentro do Humanismo Simbólico, que relaciona toda e qualquer parte com o Todo através de seus significados, a setorização do saber tem cada vez menos lugar por propiciar a alienação do Ser.

O assunto se complica extraordinariamente quando tentamos compreender o fenômeno da Sombra pela Neurologia simbólica, seguindo a intenção de Freud quando buscou uma explicação neurológica para a defesa da repressão (inconsciente reprimido) no Projeto.

Segundo a Psicologia Simbólica, a Sombra se forma com suas defesas inconscientes pela fixação da elaboração de determinados símbolos e funções estruturantes, que passarão a ser expressos inconscientemente pela compulsão de repetição descoberta por Freud. Embasar o fenômeno da fixação ao lado da elaboração criativa dos símbolos no funcionamento dos neurotransmissores é hoje um grande desafio, principalmente quando nos damos conta que a fixação, além de ser responsável pelas adições, é a sede do crime e do mal na personalidade. Pesquisar neurofisiologicamente o fenômeno da fixação simbólica significa, por conseguinte, abrir a Neurologia para estudar a função estruturante da ética.

No entanto, para se compreender fisiológica e emocionalmente as droga-adições, o maior desafio da Neurologia simbólica é saber a localização e o funcionamento do Arquétipo Central no Sistema Nervoso. É que os símbolos e funções estruturantes que os droga-aditos denominam “barato”, e que buscam para produzir o estado alterado de Consciência que os vicia, referem-se a um estado de euforia, bem-estar, paz, totalidade, auto-realização e felicidade, a uma sensação de que tudo está no seu lugar, de que o mundo é coerente, de se estar encarnado em si mesmo e no Cosmos: exatamente os símbolos e funções estruturantes que trazem à Consciência a noção da existência e do funcionamento centralizado e sistêmico do Arquétipo Central. A droga propicia à Consciência a vivência que as pessoas muito diferenciadas conquistam após um grande esforço de amadurecimento.

O ser humano tem necessidade de Deus. Funda tantas religiões porque, para realizar o potencial da sua plenitude, projeta no Universo o Arquétipo Central do Self, descoberto por Jung, e que coordena o funcionamento da Psique e, por conseguinte, do Sistema Nervoso.

Não se trata de “reduzir” Deus ao cérebro, mas sim de embasar as características todo-poderosas de ubiquidade, atribuídas às divindades em todas as culturas, a um arquétipo que coordena todo o Processo de Elaboração Simbólica. Para o droga-adito, a droga é o seu salvo-conduto para a presença mágica da transcendência e da divindade. Para ajudá-lo é necessário admitir que esse arquétipo existe e buscar o seu funcionamento no Sistema Nervoso através dos neurotransmissores. O terapeuta que quer tratar da droga-adição e que

não sabe como relacionar as pessoas com a Totalidade está em grande desvantagem para competir com o poder simbólico das drogas. Não é por acaso que tantas religiões conseguem a cura de droga-aditos pela conversão. É importante para o neurologista saber que isto não ocorreu porque a cura “caiu do céu”, e sim porque, ao estabelecer a religião da Consciência com o Arquétipo Central através do símbolo da divindade, o sacerdote deu ao paciente o significado existencial que a droga química magicamente lhe proporciona. Só quem tem essa relação simbólica com a vida e a Totalidade pode dizer a um droga-adito: “Largue o que você sente com a droga para buscar essa mesma vivência no trabalho e na relação com as pessoas que você preza.”

Para entender a droga-adição além da neurofisiologia, é necessário compreender o funcionamento dos símbolos dentro da personalidade, da família, da cultura e do Planeta como Sistemas de Totalidade representativos do Arquétipo Central do Self. Esses sistemas são afetados de uma forma ou de outra pelas drogas, que também são símbolos que alteram a Consciência e a Sombra, formando-as e transformando-as nas várias dimensões humanas.

As duas grandes funções simbólicas que dirigem o Arquétipo Central na coordenação neuro-endócrina do organismo são o amor e o poder. O amor rege a interação afetiva com as pessoas, o corpo e a natureza, e o poder coordena a busca de um lugar ao sol pelo esforço do crescimento de cada um. A droga-adição substitui magicamente estas duas funções feridas, cujo conhecimento simbólico é necessário para a sua reparação.

A dimensão familiar do Arquétipo Central permite à Neurologia simbólica relacionar a reação química dos neurotransmissores com a crise de adolescência e o consumo de drogas, como uma arma poderosa na polarização com a família. Só assim podemos compreender que a mesma arma usada para fortalecer a auto-estima e a formação da identidade da maioria dos adolescentes pode se transformar no vício que a alguns escraviza e destrói.

Dentro do Self Cultural, a compreensão simbólica das drogas também nos permite entender a busca mágica da ligação da Consciência com o Arquétipo Central dentro da ideologia da cultura materialista e imediatista de consumo, condicionada pela ideologia de mercado neoliberal que, por sua desumanização, desqualifica a dignidade do trabalho, ao mesmo tempo em que corrompe valores culturais que promovem a beleza e o sentido da vida.

Outro ponto importante a ser destacado é a compreensão que a Neurologia simbólica pode ter e, através dela, esclarecer a Medicina e Cultura sobre o gravíssimo e crescente problema gerado pela receita indiscriminada de antidepressivos. Se, por um lado, a pesquisa neurofisiológica tem produzido drogas prodigiosas que tornaram as indústrias de medicamentos mais lucrativas que as indústrias de armamentos, por outro, ela apresenta uma terrível Sombra que aproxima a emblemática imagem do médico à figura hedionda do narcotraficante, pelo fato de fomentar o embotamento da Consciência e a alienação que, tal como a droga-adição, inibe pela dependência de psicofármacos o potencial de auto-realização do Ser.